

2.2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INTRODUÇÃO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM SALA DE AULA¹²³

Carolina Rizzotto Schirmer Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes ,
Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter, Sônia Maria Moreira Delgado
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O termo *comunicação alternativa* é usado para definir as outras formas de comunicação que substituem ou suplementam as funções da fala definitiva ou provisoriamente. Envolve o uso de gestos manuais, expressões faciais e signos gráficos (incluindo escrita, desenhos, gravuras, fotografias e objetos tridimensionais) como meios de efetuar a comunicação face-a-face de indivíduos incapazes de se comunicar oralmente. O presente trabalho pretende apresentar alguns dados e resultados preliminares dos projetos de pesquisa em andamento: *Dando a voz através de imagens: Comunicação Alternativa para indivíduos com deficiência* (Nunes, 2007) financiado pela FAPERJ e *Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla* (Nunes, 2007) financiado pelo CNPq. O projeto tem como participantes uma professora de uma escola especial do município do Rio de Janeiro e sete alunos que apresentam deficiências múltiplas e severas dificuldades de comunicação oral. Este grupo tem o propósito de conhecer de forma mais detalhada o trabalho da professora em sala de aula com alunos não oralizados e subsidiá-la através da tecnologia assistiva e orientação no uso da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA). Portanto, o objetivo principal do trabalho é apresentar relatos de algumas sessões do grupo em reuniões na oficina vivencial do Instituto Helena Antipoff (IHA) e também em sala de aula, antes, durante e depois de intervenções realizadas pela equipe de apoio (pesquisadores), em conjunto com a professora. O estudo foi desenvolvido em uma classe de uma escola especial que atende a população indicada. Os dados foram coletados através de observação direta e videografadas e as intervenções foram realizadas a partir do momento que a professora trazia determinadas situações e problemas. Os resultados têm demonstrado que mais

¹ Pesquisa financiada pela Faperj, proc. E 26110235/2007, e pelo CNPq, proc. 473360/2007.1.

² Trabalho publicado nos Anais em CD ROM do III Congresso Brasileiro de Educação Especial realizado na Universidade Federal de S. Carlos, dezembro de 2008

³ Este trabalho não está contudo concluído. Análises mais profundas estão sendo desenvolvidas.

importante que os recursos tecnológicos são a presença de interlocutores interessados em interagir com essas pessoas e oferecer melhor qualidade de vida para essa população e assim favorecer sua inclusão escolar e social.

Introdução

No Brasil, devido às dimensões do país, os conhecimentos específicos sobre Tecnologia Assistiva (TA) e especificamente a Comunicação Alternativa/Ampliada (CAA) ainda estão restritos a pequenos grupos e, quando abordados na perspectiva da educação, são praticamente inexistentes. É possível imaginarmos a quantidade de dúvidas que suscita ao professor a chegada de um aluno não falante à classe; trata-se sem dúvidas de um grande desafio. O conhecimento sobre recursos e estratégias específicas que apoiam esses alunos na perspectiva tanto inclusiva quanto também na prática da Educação Especial, ainda é muito recente. Assim, justifica-se a necessidade da aproximação do professor, seja ele especialista ou não, com o conhecimento desses recursos, em especial, a CAA, a Informática Acessível e os Recursos Pedagógicos Adaptados, visando principalmente o estabelecimento de uma rede de intercâmbios com equipe interdisciplinar para uma parceria na ação educacional e assim constituindo então um Serviço de TA.

A CAA é uma das modalidades da TA que atende pessoas sem fala ou escrita funcional ou com defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever. Busca então, através da valorização de todas as formas expressivas do sujeito e da construção de recursos próprios desta metodologia, construir e ampliar sua via de expressão e compreensão (Church e Glennen, 1992). Recursos como pranchas de comunicação, construídas com simbologia gráfica (desenhos representativos de idéias), letras ou palavras escritas, são utilizadas pelo usuário da CAA para expressar seus questionamentos, desejos, sentimentos e entendimentos.

A TA e a CAA é uma área interdisciplinar, portanto o sucesso do trabalho do professor que atua com esses alunos não falantes depende da ação integrada e complementar de diversas áreas de conhecimento, com objetivos instrumentais distintos, unidas em torno de um objetivo último comum, que é a satisfação das necessidades desse aluno com deficiência. Por isso a relevância do acesso ao conhecimento desses recursos e a constituição dessas equipes que dentre outras funções promovem a formação continuada do professor.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a experiência de uma equipe de apoio interdisciplinar na ação educacional que está sendo implementada nos projetos de pesquisa intitulados *Dando a voz através de imagens: comunicação alternativa para indivíduos com deficiência* (Nunes, 2007) financiado pela FAPERJ (proc. E 26110235/2007) e *Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla* (Nunes, 2007) financiado pelo CNPq (proc. 473360/2007.1) e cujos objetivos gerais são: a) introduzir recursos de comunicação alternativa em uma sala de aula de uma escola especial do município do Rio de Janeiro e b) analisar o processo comunicativo de alunos com deficiência severa de comunicação oral com seus interlocutores na escola. Mais especificamente, o objetivo do presente estudo foi descrever e analisar a intervenção da equipe de apoio interdisciplinar junto à professora, visando a introdução dos recursos de CAA na sala de aula.

Método

Participaram do estudo sete alunos com paralisia cerebral associada à deficiência intelectual dentre os quais apenas dois são oralizados, dois são do sexo masculino e cinco do sexo feminino, a professora da turma, as assistentes de pesquisa que compõem a equipe de apoio interdisciplinar e a professora coordenadora. A idade dos alunos variou entre 9 e 27 anos. O estudo foi desenvolvido na sala de aula de uma escola especial municipal do Rio de Janeiro, onde foram conduzidas sessões de observação da interação professora-aluno e parte das sessões de intervenção da equipe de apoio interdisciplinar junto à professora e os alunos. As sessões semanais de reunião da equipe de apoio interdisciplinar com a professora da turma foram realizadas na Oficina Vivencial do IHA, centro de referência da Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação (SME). Para a coleta de dados foram empregadas filmadoras JVC e digital, protocolos de registros de observação e gravadores de som. Foram confeccionados diferentes tipos de pranchas e cartões de comunicação com símbolo PCS criadas com o *software Boardmaker*. Foram igualmente utilizados material pedagógico adaptado como: livros, letras de músicas, pranchas e cartões de interpretação acompanhados de escrita com símbolos PCS e alguns recursos de acessibilidade ao computador como teclado expandido e editor de texto com síntese de voz.

O projeto foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa COEP da UERJ (parecer COEP 026/2007). Ele foi igualmente submetido à direção do IHA, à

diretora da escola especial, à professora da turma, aos alunos e seus pais. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Foram conduzidas 23 sessões de observação da interação professora-alunos em sala de aula, ao longo de onze meses, de uma a duas vezes por semana, com a duração variando de 18 a 97 minutos. Foram realizadas 12 reuniões da equipe de pesquisa em 2007 e 26 em 2008 com duração de 90 minutos. Tais reuniões ocorreram em sua grande maioria na sala da Oficina Vivencial do Instituto Helena Antipoff. Foram ainda conduzidas cinco sessões denominadas de intervenções em sala de aula, quando pelo menos dois dos membros da equipe interdisciplinar compareciam à sala de aula e observavam a professora, demonstrando o uso das pranchas de comunicação para conversar com os alunos. Todas essas sessões foram videogravadas.

Neste trabalho serão descritas e analisadas as atividades desenvolvidas pela professora em sala de aula, os temas tratados nas reuniões da equipe de pesquisa e as intervenções da equipe de apoio interdisciplinar tanto no contexto das reuniões quanto em sala de aula. Nas sessões que constituem o estudo foi desenvolvida uma grande variedade de atividades, todas elas planejadas durante as reuniões semanais, a saber: a) leitura de textos sobre CAA; b) oferta do *software Boardmaker* para confecção de pictogramas; c) oferta de computador e impressora para confecção dos pictogramas e uso do computador em atividades de sala de aula; d) oferta de sugestões de recursos de CAA, de modelos de pranchas, de materiais pedagógicos adaptados e de *softwares* e *hardwares* especiais para comunicação escrita; e) demonstração da utilização das pranchas para estabelecer conversação com os alunos.

No entanto, o elemento-chave desse conjunto de procedimentos foram as observações e análises de trechos de sessões videogravadas da professora desenvolvendo atividades pedagógicas e interagindo com os alunos em sala de aula, bem como as reuniões conduzidas em sessões semanais de discussão com a professora e todo o grupo de pesquisa. Nessas ocasiões, a professora era convidada a expressar sua opinião sobre seu próprio desempenho e o desempenho dos alunos, a ouvir os comentários da equipe de apoio e principalmente trazer suas dúvidas e questões para o grupo. Após a problematização, a equipe trazia sugestões para a resolução dos problemas apontados, e planejava a execução da solução que poderia ser realizada pela professora de sala de aula ou por um ou mais membros da equipe de apoio através de uma visita a sala de aula. Essa equipe conta com profissionais de várias áreas: Pedagogia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia e Psicopedagogia. Para

analisar e descrever os dados das sessões foi utilizado um protocolo de registro nos quais são descritos: as situações problema trazidas pela professora de sala de aula, a solução proposta pela equipe de apoio, o plano de execução, ou seja, como serão colocadas em prática as soluções e o resultado final da intervenção trazida pelo professor.

Resultados

Durante a análise dos dados obtidos de agosto de 2007 a dezembro de 2008, alguns momentos merecem destaque. O primeiro evento significativo foi em uma reunião no dia 05.09.07 onde realizou-se a observação de uma sessão vídeogravada em sala de aula em 07.08.07. A professora percebe ao assistir o vídeo que na atividade, os alunos esperam longo tempo para serem atendidos por ela. A equipe enfatiza a importância de promover comunicação entre os alunos e que o uso de CAA pode ser um instrumento eficaz para envolver todos e assim evitar longos momentos de espera. Na reunião do dia 13.09.07, a professora relata espontaneamente que solicitou imagens do *software* Comunique de uma colega da escola e mostra para o grupo o trabalho realizado na sala que tem como tema: artesanato. O grupo de pesquisa percebe a iniciativa da professora para o trabalho e constata que a mesma inicia com o uso de alguns símbolos PCS para auxiliar nas atividades pedagógicas. Nas sessões seguintes verificou-se que a professora aos poucos foi relatando o interesse dos alunos nos pictogramas e a mudança de postura deles frente às atividades. Como recurso de comunicação, surge na sala de aula o uso das caixas individuais com pictogramas soltos onde os alunos auxiliados pelos assistentes de pesquisa e pela professora constroem sentenças nas quais expressam comandos para que os colegas e/ou assistentes realizem as ações solicitadas.

Na análise dos dados obtidos de fevereiro a maio de 2008, totalizando 12 sessões entre reuniões do grupo de pesquisa e sessões em sala de aula pode-se destacar os seguintes pontos:

Sessão do dia 02.04.08, na reunião do grupo de pesquisa a professora traz algumas situações problema que ela vem enfrentando em sala de aula:

“a aluna M.E. é muito passiva, parece não ter interesse, dificuldade na comunicação, não tem respostas de sim e não coerentes, às vezes acessa prancha com o pé e as vezes com a mão” ainda com relação a mesma aluna *“não sei como posicionar a aluna M.E. frente ao material, ela cansa muito e tem pouco controle muscular”*; *“eu tenho que trocar a posição dos alunos na sala de aula, pois tendo a olhar para o mesmo lado sempre.”*; *“o*

aluno H .tem dificuldade para esperar a vez dele seja numa conversa ou numa atividade e também tem dificuldades visuais o que faz com que ele não tenha interesse em ver o que os colegas estão sinalizando”; “a aluna S. está com muita dificuldade de comunicação, principalmente porque não tem uma prancha de comunicação própria, como ela deseja muito se comunicar ela usa a dos colegas”; “a maioria dos alunos tem muita dificuldade para produzir escrita da maneira convencional”; “que outras atividades em símbolos poderia produzir para trabalhar a compreensão.”; “eu gostaria de saber o que eles entenderam e o que pensam da história.”.

Após a problematização a equipe pensa em possíveis soluções para auxiliar nestas questões apresentadas pela professora. Sendo assim propõe uma visita a sala de aula para conhecer os alunos e avaliar a melhor forma de acesso dos recursos de CAA, pensar estratégias para estabelecer uma resposta de “sim” e “não” funcionais com M.E. e ainda ver a possibilidade de usar plano inclinado ou cadeira de rodas com mesa acoplada para facilitar a visualização do material e prancha de comunicação da mesma aluna. Sugere-se que a professora adote a estratégia de um rearranjo espacial dos alunos em sala de aula facilitando assim a visualização de todos, e também algumas atividades e estratégias bem como materiais pedagógicos adaptados buscando despertar um interesse maior dos alunos pelo material gráfico.

A equipe pede para ver a atividade elaborada para a próxima aula, a professora mostra uma adaptação feita no livro com a escrita com símbolos e também uma atividade de interpretação, contendo perguntas fechadas. A equipe propõe que ela abra mais as questões e procure não dirigir tanto a atividade. Também comenta-se que ela deve fazer perguntas que exijam mais a criatividade. Porque com isso ela realmente terá idéia do potencial dos seus alunos e das possibilidades de acesso de cada um deles (exemplo: pranchas ou cartões com o vocabulário da história, além de colocar símbolos para perguntas e sentimentos).

Na sessão realizada na sala de aula dia 03.04.08, a equipe utilizou a prancha para se comunicar com a aluna Manoela e percebeu que ela fica confusa sem saber se usa o pé ou a mão para sinalizar. Foi observado ainda que a forma de obter-se uma resposta de “sim” e “não” mais coerente era por meio de cartões. Experimentam o uso do plano inclinado e sugerem à professora o uso deste recurso com a aluna durante as atividades. Avaliando a cadeira percebe-se a necessidade de que seja realizada uma avaliação pelo profissional que acompanha Manoela . na reabilitação, pois a cadeira de rodas atual não

tem a possibilidade de ser reclinada e está sem um apoio de cabeça adequado. Nesta sessão a equipe conhece o aluno Vitor, e constata que ele tem pouca compreensão do uso funcional da prancha, percebe-se que seu vocabulário é muito restrito, e isso faz com que Vitor acabe usando a prancha de um colega que tem mais vocabulário. As pesquisadoras conversam com a professora e os alunos sobre recursos de informática acessível. O aluno Hugo testa um teclado adaptado, conseguindo produzir a escrita do nome, digitando sem dificuldades com a letra maiúscula ampliada. Fazem uma demonstração para a professora de como usar a prancha e os cartões de CAA com esses alunos.

Na sessão do dia 09.04.08 a professora comenta com o grupo que ainda sente dificuldade em compreender Manoela., mas está fazendo uso dos cartões com “sim” e “não” e perguntas diretivas. Adotou o uso do plano inclinado e verificou que com este recurso Manoela. está conseguindo manter a cabeça erguida e conseqüentemente percebe a menina mais atenta. Também relata que: está fazendo uso da estratégia de melhorar a disposição espacial dos alunos; que confeccionou uma atividade a partir das sugestões e assim o aluno Hugo conseguiu compreender que precisa esperar a vez dele. Refere que os alunos estão ansiosos para conhecer os recursos de informática acessível, principalmente o Hugo e a Sabrina; acrescenta ainda que Sabrina está cobrando a confecção de sua prancha. A professora conta que as modificações no material estão fazendo com que os alunos participem mais ativamente das atividades e que estes estão demonstrando prazer com as novas propostas. Ela mostra o material que produziu com o livro “O calcanhar de Aquiles”, baseado nas sugestões de atividade com perguntas abertas. Confeccionou envelopes cada um com uma pergunta e opções de resposta. Ex. Que outro título você daria para a história? O que você sentiu? Você acha que essa história é um romance, drama? Sugere-se que ela explore cada pergunta e resposta fornecida pelos alunos., que pergunte a razão de suas escolhas, mesmo que ela pense que o aluno não tem condições de responder. Pontuamos à professora que a aprendizagem é um processo, e que às vezes nos surpreendemos positivamente. Enfatizamos que os alunos são muito passivos e necessitam ser estimulados a uma maior participação. Ainda na mesma na reunião a professora traz algumas situações problema que vem enfrentando:

“são pranchas muito antigas e que foram projetadas a muito tempo com figuras e imagens antigas, vocabulário restrito nas pranchas”; “comportamento difícil da aluna L., fica muito brava, as vezes tá deprimida. Ela só fala das pessoas que morreram”; “ os pais e cuidadores não conversam com eles usando a prancha, acham que entendem tudo”; “tenho dificuldade na comunicação com J., às vezes acessa a prancha

com o pé e as vezes usa a mão”; “o aluno V. tem uma tendência de ficar apontando os símbolos sem sentido”; “que outras atividades poderiam ser feitas para trabalhar a comunicação dos alunos?”.

A partir das situações problemas apresentadas a equipe aponta algumas soluções e direcionamentos a serem adotados. O primeiro será uma nova visita a sala de aula para conhecer mais os alunos e avaliar a melhor forma de acesso dos recursos de CAA e estratégias que facilitem este acesso. Agenda-se uma sessão de demonstração de recursos de CAA para o dia 11.04.08, com o objetivo de a professora conhecer a variedade de recursos existentes que possam ser ofertados aos seus alunos. A equipe decidiu fazer um instrumento para seleção do vocabulário de cada aluno no intuito da confecção/atualização das pranchas de CAA. Discute-se a importância de que todos tenham a mesma postura em relação ao uso e acesso dos recursos de comunicação e que é preciso pensar em como envolver a família dos alunos nesse trabalho. Levanta-se a possibilidade de se utilizar o PECS para a introdução da CAA com V. Sugere-se também que a professora tenha mais espaço na rotina de sala de aula para conversas.

Durante as sessões realizadas na sala de aula nos dias 11.04.08 e 13.05.08 a equipe de apoio utilizou as pranchas antigas para se comunicar com os alunos. Percebeu-se que eles estão muito interessados na comunicação e interação. Conversam com a aluna Laura sobre a importância da comunicação na vida dela. Constatam que as fotos são muito antigas e que a maioria reporta há pessoas que já morreram e propõem algumas alterações na prancha, como por exemplo, cobrir as fotos “dos que se foram”, e colocar fotos dos amigos, professora e outros. Laura fica muito feliz e aceita as mudanças.

No dia 13.05.08 continua-se o processo de conhecer os alunos para que se possa auxiliar a professora com os recursos de CAA. O grupo percebeu que Joana ficou confusa sem saber se utilizava o pé ou a mão para sinalizar e que em alguns momentos ela preferia pegar a mão de outra pessoa para apontar os símbolos na prancha. Conversou-se com a aluna sobre as modificações na prancha de CAA. A equipe também utilizou a prancha de Vitor para se comunicar com ele. Foi observado que ele tem uma tendência de ficar apontando para a prancha sem olhar. O grupo demonstrou e conversou com a professora sobre estratégias de CAA com esses alunos. No dia 13.05.08 os recursos de informática acessível são instalados e os alunos puderam experimentar alguns equipamentos.

Na sessão do dia 14.05.08 a professora comenta com o grupo que está fazendo uso dos cartões com “sim” e “não” e perguntas diretas com Manoela e que está mais fácil compreendê-la. Fala que os alunos estão muito interessados em se comunicar e ansiosos pelas pranchas novas, utilizando cada vez mais a CAA em sala de aula e que assim que os alunos chegam solicitam a prancha.. A professora comenta ainda que quando Laura traz a questão da dor e sofrimento com relação a perda de pessoas queridas, ambas começam a conversar e que o humor vai se modificando. Ela refere que através da comunicação consegue desfazer aquela idéia de insatisfação com tudo. A equipe indica que, talvez se os alunos compreendessem a importância do uso das pranchas nas suas vidas, eles iriam fazer com que os pais a utilizassem em casa, pois provavelmente irão sair da posição de passividade na comunicação. A professora está muito voltada para os recursos de CAA neste momento e ainda não está fazendo uso do computador em sala de aula. Ainda, na mesma sessão do dia 14.05.08, na reunião do grupo de pesquisa a professora traz algumas situações problema que ela vem enfrentando:

“o aluno Vitor precisa de uma prancha dele”; “a aluna Sabrina está pedindo uma prancha dela, porque ela usa a dos outros, só que agora estão todos usando e não sobra prancha”; “a aluna Manoela. ela tem 9 anos e os outros são adultos”

As soluções propostas pelo grupo foram as seguintes: a equipe irá retomar com urgência a atualização das pranchas. Desta forma, os alunos poderão expandir os tópicos de conversação, com a atualização dos assuntos, símbolos e fotografias. Ficou combinado uma nova visita a sala de aula, desta vez com todo o grupo de pesquisa, para um maior entendimento dos alunos e suas especificidades. A equipe discute a importância de Manoela ser tratada como uma criança, levando-se em consideração que crianças gostam de brincar mesmo estando entre jovens adultos.

Após a reunião a equipe vai a sala de aula para interagir com os alunos, que gostam da situação e conversam através das pranchas. Dessa forma consegue-se avaliar as habilidades cognitivas, visuais e motoras de cada aluno.

Na sessão do dia 21.05.08, a professora relatou que estava conseguindo perceber a importância do plano inclinado para todos os alunos no intuito de facilitar a visualização e participação das atividades em sala de aula; refere também que está sentindo necessidade de que sejam reformuladas as pranchas dos alunos, sistematizando a categorização das mesmas. A equipe elabora um inventário informal dirigido aos pais. Na mesma sessão a professora traz novas situações que ela vem enfrentando: “as

*pranchas dos alunos Vitor, Laura.e Sabrina.”. Com base nas visitas e avaliações realizadas iniciam o preenchimento do instrumento para cada aluno. No dia 22.05.08 a equipe foi a sala de aula demonstrar e ensinar o uso do *software Boardmaker* na construção de pranchas para a professora, capacitando-a assim a produzir o material. No dia 28.05.08, durante a reunião de equipe, a professora comenta que iniciou a confeccionar as pranchas e a selecionar o vocabulário junto com os alunos.*

Conclusões

As reuniões nas quais a professora e o grupo de pesquisa buscaram soluções para os problemas de sala de aula associadas à observação das sessões videogravadas e intervenções da equipe de apoio *in loco*, parecem ter se constituído em uma significativa oportunidade de desenvolvimento e participação de todos. O trabalho em questão sugere a partir dos resultados, uma mudança de atitude da professora em relação aos seus alunos. O primeiro passo para tal mudança se deu a partir do conhecimento destes recursos e do que eles poderiam auxiliar na comunicação e no aprendizado do aluno com deficiência de oralização. Esta ação conjunta propicia um intercâmbio, onde o professor traz as dúvidas/situações-problemas, mas também reflete sobre sua prática pedagógica e sobre as diferentes possibilidades de intervenção com seus alunos em sala de aula. Os resultados, portanto, têm demonstrado que mais importante que os recursos tecnológicos são a presença de interlocutores interessados em interagir com essas pessoas e oferecer melhor qualidade de vida para essa população e assim favorecer sua inclusão escolar e social.

Referências Bibliográficas

Church, G.; Glennen, S. (1992) *The handbook of Assistive Technology*. San Diego, Califórnia, EUA. Singular Publishing Group.

Nunes, L. R. (2007) *Dando a Voz Através de Imagens: Comunicação Alternativa para Indivíduos com Deficiência*. Projeto de Pesquisa financiado pela FAPERJ proc. E 26110235/2007

Nunes, L. R. (2007). *Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla*. Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq proc. 473360/2007.1.

